

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda Bocaina

código
AI - F13 - BM

localização
Rialto

município
Barra Mansa

época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
pecuária leiteira / lazer

proteção existente / proposta
nenhuma

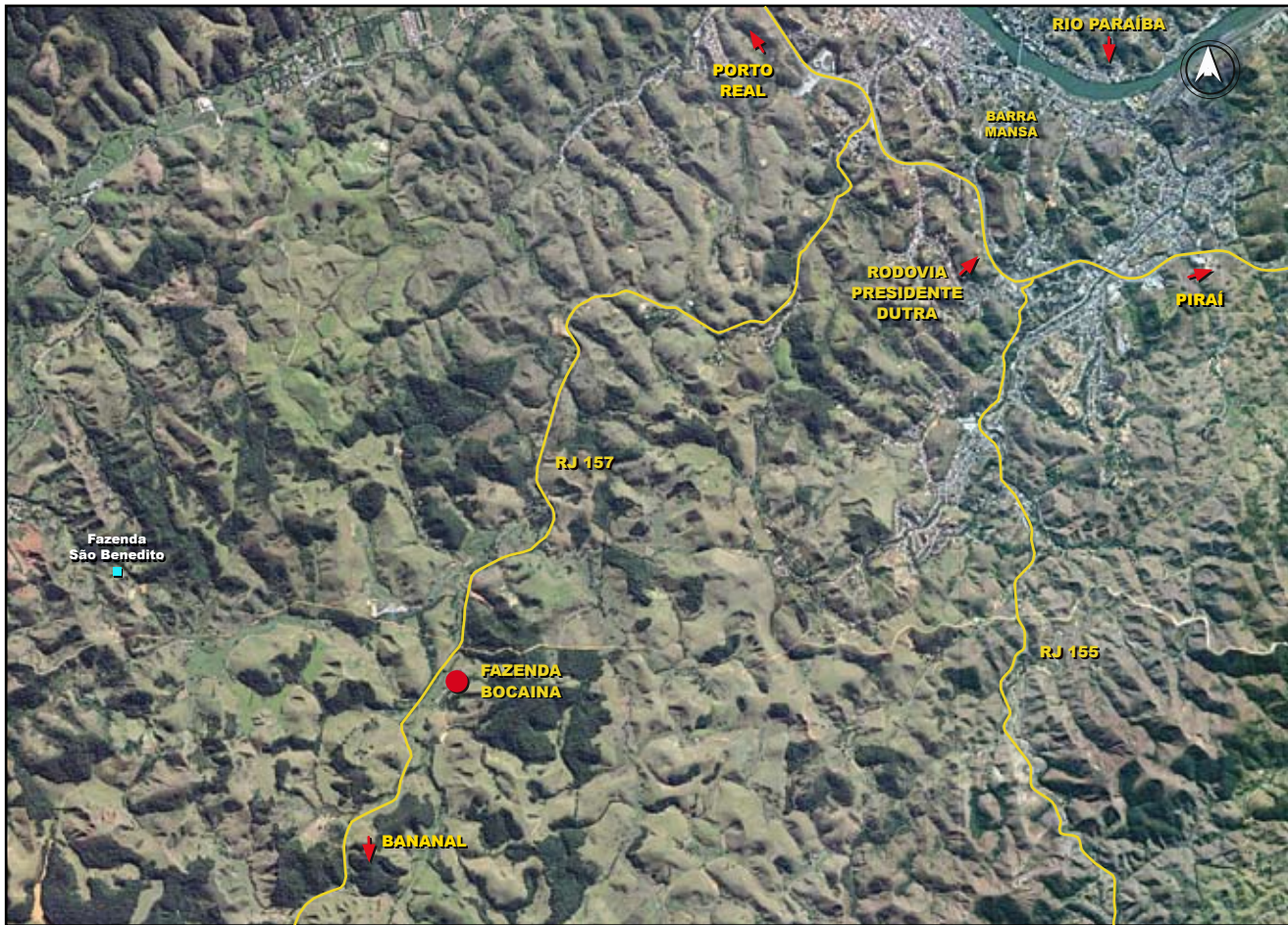
proprietário
particular



Fazenda Bocaina, fachada principal

coordenador / data **Raymundo Rodrigues – maio 2009**
equipe **Ariel Rodrigues, Ian Pozzobon, Marcos Reco Borges e Lucas Quintanilha**
histórico **Ivan Marcelino de Campos**

revisão
Coordenação técnica do projeto



situação



ambiência

Localizada no km 08 da Estrada Barra Mansa – Bananal, RJ-157, rodovia asfaltada que tem seu início no bairro Cotiara, em Barra Mansa. Ligação secular entre os estados do Rio de Janeiro e São Paulo. A fazenda conta, atualmente, com 80 hectares, tendo sido desmembrada pelo proprietário anterior. Antes disso, ocupava as duas margens da estrada.

A região apresenta relevo de transição, dos 350m de altitude de Barra Mansa ao norte, até aos 1.300m do cume da Serra da Bocaina, a sudoeste. A propriedade está situada entre 440 e 550m de altitude, tendo ao sudeste da casa-sede considerável mata de vegetação secundária. Por trás desta mata passa o rio Carioca, tributário do rio Bocaina, que por sua vez deságua no rio Paraíba do Sul, no encontro desses em Barra Mansa.

A área edificada da Fazenda Bocaina faz um paralelo com a RJ-157 por aproximadamente 400m de extensão, estando localizada, nessa faixa, a casa-sede (f01), que conta com uma bem completa infra estrutura de lazer, com piscina, sauna, área sombreada e sanitários (f02).

Mais abaixo, ao sul, encontra-se a casa do administrador, o campo de futebol – que apresenta todas as evidências de ter sido o antigo terreiro do café, por fazer parte de uma área maior e igualmente plana –, o engenho, construção posterior à casa-sede, com mais de 900m² de área construída (f03 à f05).

A atividade produtiva atual da Fazenda Bocaina é a pecuária de gado bovino para corte. Os proprietários fazem locação da área de lazer da propriedade, para eventos como formaturas e confraternizações, também recebendo alunos de escolas públicas e particulares.



01



02



03



04



Desenhado por: Maria Angélica e Silva, Fabiana M.G. Palazzi e Gilson Jorge Faculdade de Arquitetura de Barra do Piraí - FERPA

Implantação da Fazenda Bocaina, desenho de alunos da FERPA, c.1976 (acervo INEPAC)

05

A casa-sede tem planta retangular, mantendo pavimento térreo e porão, sendo que este se pronuncia através das fachadas principal, fundo e lateral esquerda (f06).

Nos fundos há um jardim de inverno, na frente um amplo alpendre e, na lateral esquerda, a varanda no porão, além do pavimento térreo. Todas são intervenções posteriores, porém, em relativa harmonia com as soluções originais (f07 à f10).



06



07



08



09



Fazenda Bocaina, óleo s/tela de autor não identificado, século XIX (acervo particular)

10

As janelas revelam o estilo neoclássico da casa-sede através da existência de bandeiras fixas sobre estas. Esse mesmo elemento se reproduz nas portas internas e externas (f11 à 13). Na foto 11, a porta mostrada, que originalmente era uma janela, serve de acesso entre um dos dormitórios frontais e a varanda lateral, que foi edificada posteriormente.

A cobertura apresenta telhas cerâmicas do tipo capa e canal, diagramada em quatro águas, com cumeeira paralela à fachada principal. Seu acabamento com beirais de cimalha, executados na técnica do estuque, dá um ar requintado à construção, chamando a atenção seu desenho e volumetria (f14 e f15).



11



12



13



14



15

Internamente, os forros de madeira em saia e camisa pintados de branco são originais na maioria dos cômodos, com desenhos variando em função dos ambientes (f16 e f17).

O assoalho nos ambientes sociais e também nos íntimos é em madeira corrida, alternando a cor clara e a escura, com paginação de elementos geométricos (f18). Também com desenho geométrico foi executado o piso de madeira da sala-de-jantar, entretanto, em *parquet* (f19). Através dos barrotes do porão percebe-se a existência de tábuas largas no assoalho do pavimento superior, evidenciando a intervenção em que, sobre estas, foi aplicado o assoalho com piso de *parquet* (foto 20).



16



17



18



19



20

Ainda nesta sala-de-jantar a iconografia antiga evidencia a existência de ornatos – espécies de bandos – entre a parte superior das esquadrias e o forro, o que reforça o tratamento decorativo exuberante dado a essa construção (f21). Nos banheiros o piso é em ladrilhos hidráulicos, com elementos florais inspirados em padrões estéticos da época (f22).

O porão, segundo informações, era utilizado como senzala, talvez servindo como aposentos para os “escravos da casa”, pelo fato de, na iconografia do século XIX, estar explícita a existência de senzalas maiores em construções independentes. Atualmente este espaço abriga uma suíte, além de sala de jogos e de recreação em outros ambientes (f23 à f26).



Fazenda Bocaina, s.a., c.1976 (acervo INEPAC)

21



22



23



24



25



26

A casa-sede encontra-se em bom estado de conservação, sem infiltrações, significando que, na cobertura, não existem patologias por degradação de sua estrutura e, junto às fundações, inexistem evidências de umidade. A existência de forros soltos junto às paredes é localizada e causada, talvez, pelo desgaste de alguns barrotes, em virtude de infiltrações antigas já sanadas (f27 e f28). Ao mesmo tempo, não se percebem movimentos de flexão nos forros, o que indicaria patologias localizadas nos barrotes que os sustentam.

Em algumas paredes internas, percebe-se a existência de fissuras, porém, isso não pode ser considerado algo grave, tendo em vista a ausência de infestação de xilófagos, que poderiam ter consumido e gerado desgaste ou rompimento nas amarrações superiores nos frechais das paredes (f29 e f30). As fissuras detectadas podem ser resultado de argamassas com composições inadequadas e/ou muito espessas, utilizadas para acabamentos em reparos. Nesses casos ocorre frequentemente o “descolamento” das camadas das argamassas, gerando fissuras horizontais e verticais.



27



28

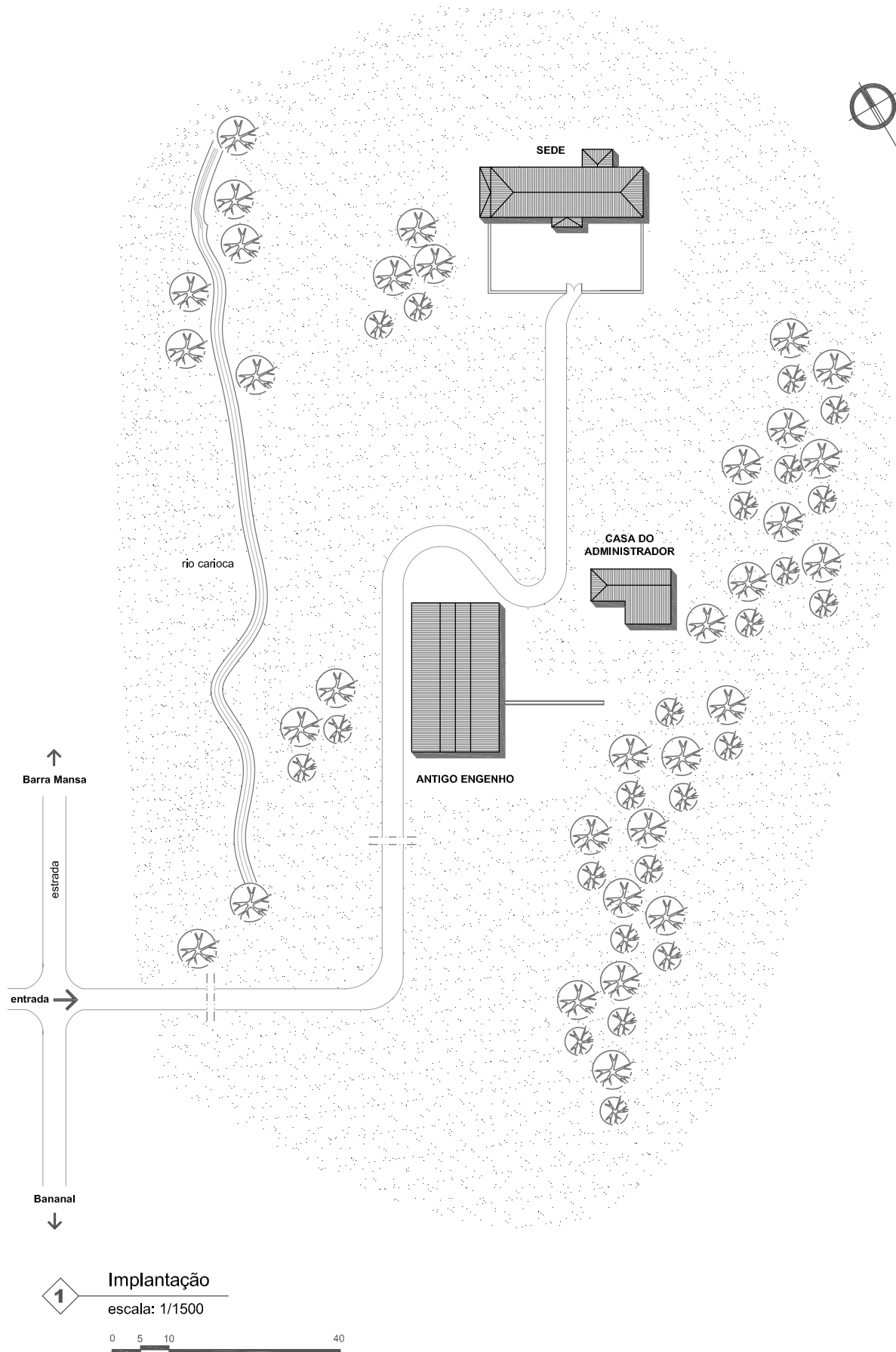


29

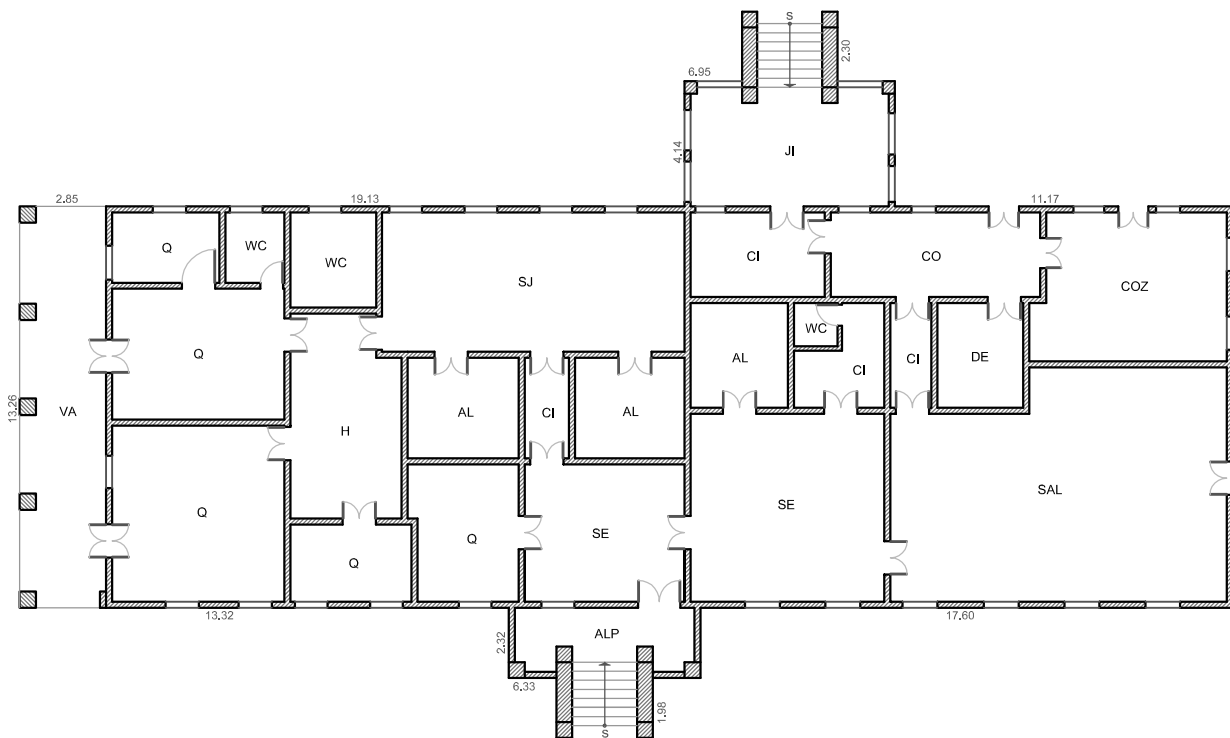


30

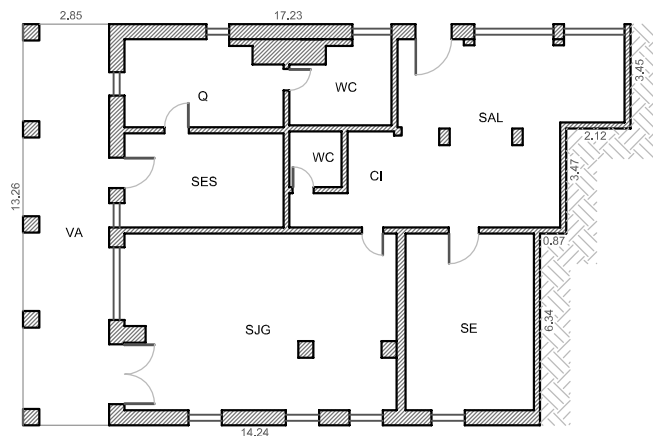
FAZENDA BOCAINA



FAZENDA BOCAINA



2 Planta Baixa da Sede - 1º Pavimento
escala: 1/200

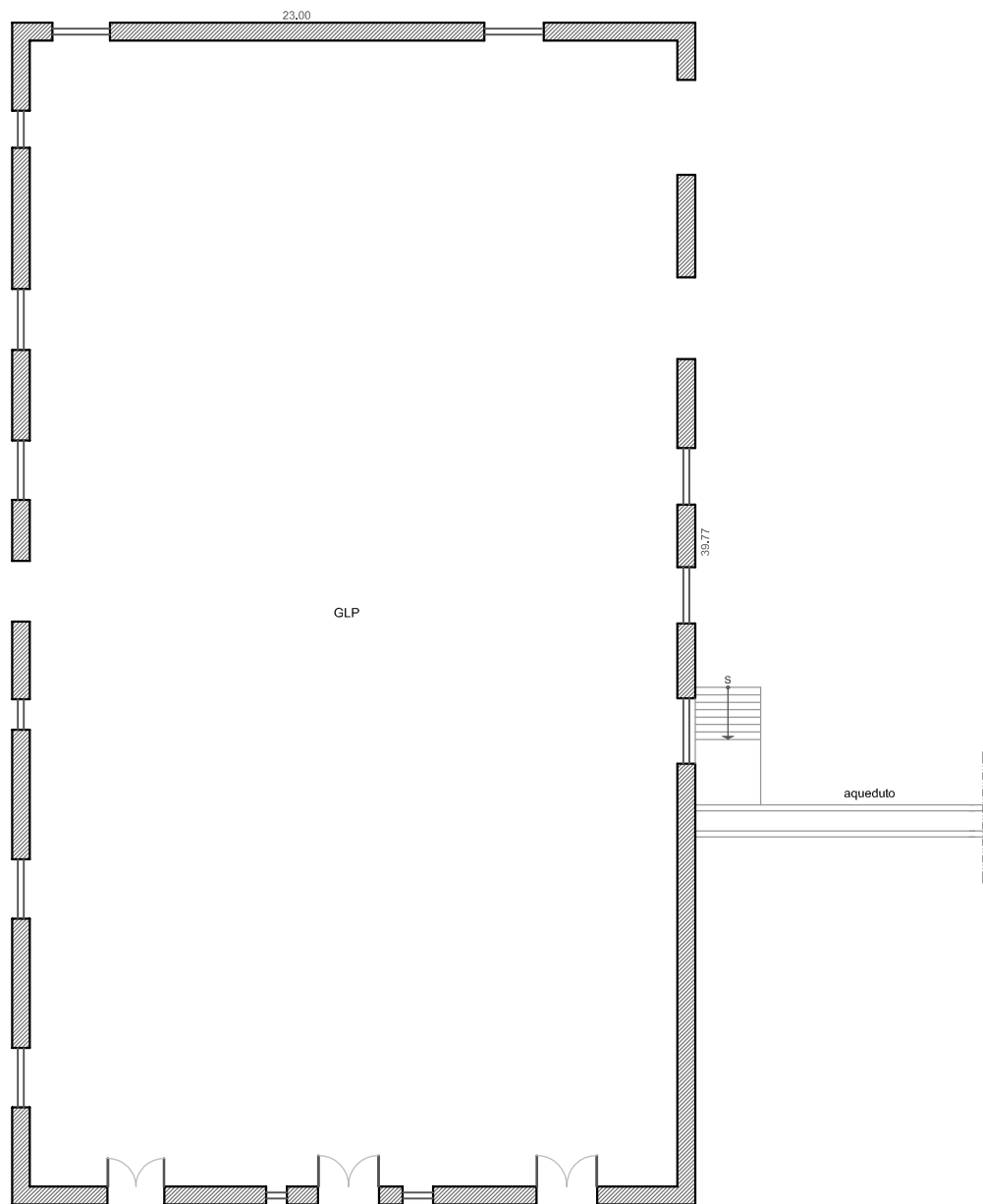


1 Planta Baixa da Sede - Térreo
escala: 1/200



AL - alcova	CO - copa	H - hall	SAL - salão	SJG - sala de jogos	alvenaria existente
ALP - alpendre	COZ - cozinha	JI - jardim de inverno	SE - sala de estar	WC - banheiro	alvenaria demolida
CI - circulação	DE - despensa	Q - quarto	SJ - sala de jantar	VA - varanda	

FAZENDA BOCAINA



1

Planta Baixa do Engenho

escala: 1/250



GLP - galpão

▨ alvenaria existente
▤ alvenaria demolida

A Fazenda Bocaina está localizada no município de Barra Mansa (RJ), rincão de antiga passagem de tropas a caminho do mar, para a Baía da Ilha Grande. Foi uma das mais importantes propriedades do ciclo do café da região, originada em consequência da expansão da ocupação humana feita pelos fazendeiros do café que povoaram Bananal-(SP), ainda no século XVIII, ao longo do “Caminho Novo” e proximidades, que culminou com a ascensão de toda região, em especial do distrito de Rialto.

Com a sede a menos de 1km da divisa, a propriedade é composta por terras nos dois estados, Rio de Janeiro (Rialto - Barra Mansa) e São Paulo (Bananal).

Inúmeras foram as fazendas erguidas na então Freguesia do Espírito Santo da Barra do Turvo, atual Rialto, pela pujança do ouro verde que fez surgir a Estrada de Ferro Bananalense¹, ligando Bananal - (SP) à Barra Mansa (RJ), estratégica para a conexão com a Estrada de Ferro D. Pedro I, de ligação com o Rio de Janeiro.

Rialto² foi grande produtor de café respondendo, em 1850, com suas 160.000 arrobas (15 kg cada), por cerca de 21% da produção do município de Barra Mansa, que era de 760.000 arrobas, equivalentes a 11.400t.

Para a expressiva produção de café, além da Fazenda Bocaina, Rialto contava com outras dezenas de fazendas, como Campo Alegre, Sobradinho, São Benedito, Cafundó, Concórdia, Chalet, Astréa, Conceição e São José (antiga do Turvo), entre outras. Algumas dessas fazendas produziam, individualmente, mais de 10.000 arrobas de café em coco por ano, produção considerável dentro do contexto cafeeiro do Vale do Paraíba, como é o caso da Bocaina, que em 1860 produzia 14.000 arrobas.

O primeiro proprietário da Bocaina foi o tenente Domiciano de Oliveira Arruda³, nas primeiras décadas do século XIX, o nono dos 13 filhos do capitão-mor Braz de Oliveira Arruda⁴ e Alda Maria Florinda Nogueira. Casado com D. Feliciano Barbosa da Silva Arruda⁵, filha do comendador Antônio Barbosa da Silva (I), o Baú, proprietário da fazenda Bom Retiro, em Bananal. Naquela época faziam parte da Bocaina as fazendas Caieira, Independência e da Cruz. Tenente Domiciano faleceu em 18 de junho de 1849 em Paris. Anos após a sua morte, D. Feliciano contraiu segundas núpcias com Gustavo Decoupé.

“A fazenda Bocaina possuía uma casa de vivenda já adaptada aos requintes da segunda metade do ciclo. Entretanto, como o dono morava no Resgate, Bocaina não possuía o aparato da sede do Império agrícola. A Bocaina citada no Laemmert de 1855 como tendo, naquela época, terreiro de café murado, possuía uma casa de vivenda, própria da segunda fase do café. Além do novo espaço em que os prédios foram dispostos, a residência possuía jardim e pomar isolados dos demais elementos por portão de ferro. Nela, claramente a convivência social já se definia como uma das finalidades do espaço doméstico. O bilhar e o costumeiro piano na sala o comprova. Destacam-se seus diversos signos de modernidade, como a presença de arados americanos e a separação dos espaços de moradia e produção, bem como “a caixa d’água com encanamento de chumbo e torneira”⁶.

Na Bocaina um portão vedava o acesso à casa, assim como o terreiro distante era emparedado e trancado por portão, para evitar o roubo de café pelos escravos para vender nas vendas próximas. A Bocaina, no auge da produção cafeeira do município, seguia a disposição espacial tradicional, com a casa distinguindo-se das benfeitorias de produção e das senzalas. A decoração era simples, destacando-se algumas madeiras de lei no mobiliário, o piano e o bilhar, cadeiras e mesas, camas de casal e solteiro, entre outros que acompanham a extensa lista.

A venda da Fazenda Bocaina foi uma das maiores negociações daquele tempo, anterior a 1870, feita pela então proprietária, D. Feliciano Barbosa Decoupé ao comendador Manoel de Aguiar Valim⁷. A transação custou a soma de 500 contos de réis em dinheiro à vista, pois a vendedora não quis títulos nem quaisquer outras garantias. A venda foi concretizada porque, mais do que aquela importância, a sogra do Comendador, D. Maria Joaquina Toledo de Sampaio Almeida (a Matriarca do Bananal), proprietária da Fazenda Boa Vista, tinha em haver (em caixa) na célebre casa bancária do Souto, na capital do Rio de Janeiro, montante superior, fruto somente de três safras da referida propriedade.

O negócio foi muito comentado na Praça do Rio de Janeiro pelo tríptico benefício: 1) a vendedora, possuidora de tão fortes cabedais, foi com seu novo marido gozar a vida em Paris; 2) o comprador assenhorou-se de importantíssima propriedade, que, mais tarde, por sua morte, coube á quatro de seus herdeiros; e 3) houve, porém, com o dito negócio alguém nada beneficiado, o capitalista Souto, cujo forte saque que suportou, segundo a crônica, seriamente contribuiu para o abalo de sua casa bancária, a ponto de levar à falência aquele conceituado estabelecimento.

A Bocaina em tudo era uma grande fazenda. Além das enormes safras de café que produzia, a ponto de às vezes ter, para as respectivas secagens, que improvisar terreiros anexos aos vastos existentes, cultivava grande quantidade de cereais e mantimentos. Fora a referida produção agrícola havia também a zootécnica, com grande criação de gado bovino, suíno, ovino e equino.

As mastodônticas muralhas de arrieiro e não pequenas escadarias de granito artisticamente lavrado, eram de impressionar. O francês Dr. Gustavo Decoupé, com muito capital e quase um milhar de escravos, tivera o capricho de desmontar a primitiva Bocaina e edificar uma outra grandiosa, fazendo lembrar aos visitantes qualquer coisa de medieval europeu. Mas, de fato, quem daquilo tudo tirou proveito foi o novo proprietário que nada mais teve a fazer, limitando-se a explorar a velha fazenda. Em 1872, o comendador tinha ali 226 escravos, mas, em 1878, data do seu inventário, havia apenas 179.

Com a morte do comendador Manoel de Aguiar Valim, o conjunto foi dividido da seguinte forma: as fazendas

Bocaina e Caieira couberam aos filhos menores, Manuel de Aguiar Valim⁸, futuro barão de Aguiar Valim e Eduardo de Aguiar Valim; a Fazenda Independência, ao seu genro, conselheiro Pedro Luiz de Souza e; a Fazenda da Cruz ao seu outro genro, Dr. José Álvares Rubião⁹.

Na segunda metade do século passado, até por volta de 1990/91, a fazenda pertenceu ao francês Alan Masset. Entre os anos 70/80, em suas instalações funcionou uma escola que alfabetizava alunos da fazenda e da região. Em 1990/91, o Dr. Antônio Sérgio Fernandes comprou a fazenda da família Masset e, no ano de 2004, parte da fazenda foi vendida – cerca de 100 alqueires no lado direito da Estrada Barra Mansa Bananal, sentido Bananal – para a família Panise.

Em 2004/5, o outro lado, onde está localizada a sede, foi adquirido pela família Valente, atuais proprietários. Além da criação de gado de corte, a Bocaina hoje foi transformada em espaço para cultura e lazer, muito procurado pelos turistas que visitam a região. Aliando a qualidade no atendimento básico de hotel fazenda os proprietários mantêm as características rurais da propriedade como a casa grande, a senzala, o engenho e outros. Atende ainda o turismo pedagógico, cultural e de eventos, onde é oferecida orientação histórica sobre o ciclo do café, visita guiada pelas dependências arquitetônicas, culturais e históricas que estão bem preservadas, além do agroturismo e do turismo ecológico.

1 Estrada de Ferro Bananalense, criada em 1882 e extinta em 1965, passava a 5,5 km da sede da Fazenda Bocaina;

2 Segundo o historiador e genealogista Roberto de Souza Guião de Souza Lima;

3 O tenente Domiciano de Oliveira Arruda foi o primeiro Presidente da Câmara Municipal da Vila de Barra Mansa (RJ). Naquela época exercia as funções deliberativas e executivas, tendo, por assim dizer, as obrigações dos atuais prefeitos, tendo assumido o cargo de 16 de fevereiro de 1833 até 1837. Era fazendeiro, tido como um homem culto e capaz. Trabalhou muito por Barra Mansa. Grande capitalista, tinha predileção por leitura e gostava muito de viajar. Era associado a empresas de navegação marítima e acionista de vários navios de passageiros. Naquela época a Fazenda Bocaina era um verdadeiro luxo, possuía uma grande biblioteca particular, com a maioria dos livros em língua francesa, idioma que dominava bem. Foi proprietário de mais de 300 escravos, exportava café para o exterior; sua fazenda produzia mais de 10.000 arrobas em grãos de boa qualidade, produzidas por mais de 500.000 pés de café. Fonte: Historiador Dr. José Carlos Franco de Farias - Jornal Memória Barramansense. Ano II – Nº 11 – Agosto/2007.;

4 Capitão-Mor Braz de Oliveira Arruda nasceu em Itacuruçá, estado Rio de Janeiro em 1770 e faleceu em Bananal (SP), no Rancho Grande em sua fazenda "Casca" ou Cachoeira. Também possuía sesmaria em Resende. Veio para o Município de Bananal (SP) em companhia do pai em 1776. Foi capitão de cavalaria em Cunha (SP). Em 1803 voltou a Bananal, onde, no ano seguinte, casou-se com Alda Maria Florinda Nogueira, nascida em Baependi em 1793, filha do Capitão Hilário Gomes Nogueira (fundador de São João Marcos (RJ) e (de sua prima-irmã) Maria Josefa do Nascimento. O capitão foi neto paterno de João Gomes de Lemos, da Vila Nova de Famelição, Portugal, falecido em Baependi, e de Joana Nogueira do Padro (2º casamento desta) e neto materno de Ana Antônia Jesus do Prado, de Baependi, e de Caetano José de Miranda (Casamento em 1759), natural de Guaratinguetá (SP);

5 D. Feliciano Barbosa Arruda, em data anterior a 1840, foi também proprietária da fazendinha dos Paulas, depois fazenda Astréa, às margens da Estrada de Ferro Bananalense no distrito de Rialto, Barra Mansa (RJ), que recebera por doação de seu pai, o comendador Antônio Barbosa da Silva (I) Baú, que foi posteriormente vendida ao comendador Luciano José de Almeida;

6 Trecho extraído do artigo "Antigas Fazendas de Bananal", escrito por Everaldo Valim Pereira de Souza. Jornal do Comércio de 14- Janeiro - 1945;

7 Comendador Manoel de Aguiar Valim: nasceu na fazenda Rio Manso em Bananal, por volta de 1808, filho do capitão José de Aguiar Toledo e de D. Maria do Espírito Santo Ribeiro Valim. Era tenente-coronel da Guarda Nacional, proprietário da Fazenda Resgate, Bocaina e de numerosas outras fazendas a elas anexadas. Casou-se com D. Domiciana Maria de Almeida, filha do Comendador Luciano José de Almeida, com quem teve sete filhos. Foi grande produtor de café e sua enorme fortuna rivalizava com a de seu sogro. Foi chefe do Partido Conservador em Bananal, onde fez construir um sobrado no antigo Largo do Rosário (Praça Rubião Júnior), em 1855. Construiu por conta própria a Capela do Santíssimo da Matriz, fez várias doações à Santa Casa e ainda ajudou na Guerra do Paraguai. Faleceu a 3 de fevereiro de 1878, na Fazenda Resgate. Extraído do livro de Plínio Graça: *Estância Turística e Ecológica de Bananal – Terras dos Barões do Café*, pág 140;

8 Manuel de Aguiar Valim (Barão de Aguiar Valim) nasceu em 04 de abril de 1861, em Bananal (SP), faleceu em 05 de janeiro de 1925, em São Paulo, filho do comendador Manuel de Aguiar Valim e de Domiciana Maria de Almeida Valim, Fazendeiro em Rialto - Barra Mansa (RJ) e em Bananal (SP). Foi agraciado com o título de Barão em atenção aos serviços prestados à infância desamparada. Foi também Comendador da Ordem de N.S. Jesus Cristo. Fonte Livro: *A Igreja Matriz de São Sebastião da Barra Mansa (1859-1959)*, de J. B. de Athaide, 1º volume, pág. 247.

Em primeiras núpcias casou-se com D. Eudóxia Rubião, filha do comendador João Álvares Rubião, de Mangaratiba, (RJ), com quem teve quatro filhos. Recebeu o título de barão por decreto de 16 de setembro de 1884. Em 05 de junho de 1891, casou-se, em segundas núpcias, com D. Maria da Glória Rabelo, com quem teve 15 filhos. Prestou vários serviços à causa pública. Faleceu em São Paulo no dia 05 de janeiro de 1925. Extraído do livro de Plínio Graça - *Estância Turística e Ecológica de Bananal – Terras dos Barões do Café*, pág 140;

9 Dr. José Álvares Rubião fez parte da primeira diretoria da Cia. Estrada de Ferro Bananalense, que construiu a ferrovia que ligava Barra Mansa (RJ) ao município de Bananal (SP), para o escoamento da produção de café.

Fontes:

CAMPOS, Ivan Marcelino de. *O distrito de Rialto: História – Desenvolvimento – Perspectivas*. Barra Mansa: 1994.

Arquivo histórico geral do Autor sobre o distrito de Rialto e região: 1990-2009.

Depoimentos e informações sobre a história de Rialto: por moradores antigos, de sua gente e de suas sesmarias/fazendas. Rialto: Dezembro 2008 e janeiro/fevereiro/março/abril/maio de 2009.

Arquivo do Cartório do 3º Distrito de Rialto, Barra Mansa - RJ.

Arquivo da Mitra Diocesana de Volta Redonda / Barrado Pirai - RJ.

Arquivo da Matriz de São Sebastião de Barra Mansa - RJ

LIMA, Roberto Guião de Souza. ARQUIVO RGSL. *Volta Redonda: 1979-2009. Notas sobre as obras do artista José Maria Villarronga*. Rio de Janeiro: Revista do IHGRJ, Ano 14, No 14, 2005

PORTO, Luiz de Almeida Nogueira. *Bananal no Império*. Bananal (Fazenda Maruzen): 1994.

ROCHA, Alan Carlos. Historiador. *Curiosidades Rurais*, Jornal da Academia Barramansense de História (ABH) (edições diversas). Barra Mansa: Julho 2006...

FARIAS, José Carlos Franco de. Historiador. Jornal Memória Barramansense, Academia Barramansense de História. Barra Mansa RJ. Ano II – Nº 11 – Agosto/2007.

RODRIGUES, Pindaro de Carvalho. *O Caminho Novo: povoadores do Bananal*. São Paulo: Governo do Estado, 1980.

LUZ, Rogério Ribeiro da. *5 cidades Paulistas – Uma pequena viagem*. Historiador, engenheiro paulista e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. São Paulo – SP: 2002.

GRAÇA, Plínio. *Estância Turística e Ecológica de Bananal: Terra dos Barões do Café*, organizador: Plínio Graça. São Paulo: Nova América, 2006. (série conto, canto e encanto com a minha história...).